

TEORIA GERATIVISTA E OS DESAFIOS DA SOCIEDADE PÓS-MODERNA À LUZ DA CRIANÇA BILÍNGUE

Edyala Oliveira Brandão Veiga (UENF)

edyalabrandao@hotmail.com

Oswaldo Moreira Ferreira (UENF e FMSC)

oswaldomf@gmail.com

Roberta da Silva Nascimento Pereira (UENF e FMSC)

robertasnascimento14@hotmail.com

Fernando Xavier de Almeida (UENF e FMSC)

fxalmeida@gmail.com

Geovana Santana da Silva (UENF e FMSC)

gesantana@gmail.com

RESUMO

O presente tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca dos desafios relacionados à criança bilíngue e a construção desse processo ao longo de sua formação. A linguagem é inata do ser humano e muitos acreditam que ela seja um fenômeno simples, não somente pela questão da naturalidade, mas pelo fato de crianças entenderem e compreenderem essa linguagem complexa dita por adultos. A metodologia empregada foi a revisão de literatura com referencial teórico sobre a teoria gerativista e suas particularidades, aquisição da língua, conceito de criança bilíngue e gerativismo, a forma como a criança se relaciona com essa realidade em potencial, que consiste em pesquisas de livros, monografias, teses, artigos e dissertações já publicadas. A partir dos dados analisados a luz do referencial teórico pode-se concluir que a criança bilíngue precisa ser estimulada e inserida no meio para que o seu desenvolvimento se torne completo. Pode-se observar que as crianças possuem capacidade de adquirir a segunda língua com facilidade principalmente quando estão sendo expostas a essa realidade desde pequenas. Portanto, a teoria gerativista e a criança bilíngue andam lado a lado, uma completa a outra para que juntas possam alcançar o objetivo desejado. A teoria gerativista é fundamentada no inatismo e no racionalismo, onde se afirmam que a criança nasce provida com a capacidade de aquisição da linguagem.

Palavras-chave:

Bilíngue. Cognição. Gerativismo.

1. Considerações iniciais

A linguagem é inata do ser humano e muitos acreditam que ela seja um fenômeno simples, não somente pela questão da naturalidade, mas pelo fato de crianças entenderem e compreenderem essa linguagem complexa di-

ta por adultos. As pessoas não percebem que a capacidade de fazer uso da linguagem exige um conhecimento profundo, do qual os falantes não estão conscientes. É nesse ínterim, que se denota ser o tema de grande valia, tendo em vista a diversidade do mesmo.

A linguagem abordada nesta pesquisa é a verbal, cuja função é viabilizar o pensamento através da comunicação oral. Para que haja uma comunicação na modalidade verbal entre os falantes, faz-se necessário mencionar que entre eles deva haver um código usual e comum de um determinado meio social.

Saussure (1995, p. 17) de forma clara apresenta o referido código e o denomina de língua e afirma ser autônoma e possuir várias convenções. Ao tratar do tema linguagem, o autor apresenta a língua/fala. A língua é de natureza social, homogênea, organizada, única e sistematizada. Já a fala, por sua vez, é individual, heterogênea, múltipla, desordenada, e é através dela que se pode estabelecer a língua. A linguagem humana é a soma desses dois elementos: língua e fala. Ao separar os dois elementos de análise em língua e fala, Saussure privilegia o ensinamento da língua.

Chomsky, na década de 60, assim como Saussure, também enfatiza o sistema linguístico em seu estudo, e dentro desse estudo ele faz a distinção entre competência linguística e desempenho.

Sendo assim, o presente estudo tem o escopo de demonstrar uma reflexão acerca dos desafios relacionados à criança bilíngue e a construção desse processo ao longo de sua formação.

2. *Noções iniciais sobre o conceito de criança bilíngue*

Ao analisar inicialmente a língua, podemos considerá-la como sendo um composto de signos aglomerados, que constituem parte de um fato social, ou seja, de uma comunidade social, sendo que esta pode ou não estar introduzida em determinada ordem histórica social. Cumpre ressaltar que, com o advento das análises feitas por Fernand Saussure, este apresentou uma linguística consolidada em outros argumentos, concedendo a língua um conceito próprio.

Com a finalidade de sustentar o que foi supramencionado, Fernand Saussure apresenta o conceito de língua, conforme citado abaixo:

(...) é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude dum espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila (...) (SAUSSURE, 1995, p. 22)

Ainda sobre a análise da língua, Chomsky (1998, p. 24) declara que “cada língua em particular é uma manifestação específica do estado inicial uniforme”. Insta salientar que, de acordo com Chomsky, o mesmo pondera que a língua pode ser conseguida por meio da coabitação dos falantes, no qual recebe uma distinção entre dado de entrada e dado de saída.

Após o nascimento, a criança não consegue interpretar o que está sendo conversado, contudo, com o passar do tempo ela inicia um processo de assimilação do que se escuta. Sendo assim, no mesmo sentido é com a linguagem falada que passa por um processo de evolução em conjunto com o entendimento.

Com estudos voltados nesse sentido, Leonard Bloomfield apresentou algumas considerações acerca da aquisição da língua pela criança, como se vê:

Cada criança que nasce num grupo social adquire hábitos de fala e de resposta nos primeiros anos de sua vida. (...) Sobestímulo variada, a criança repete sons vocais. (...) Alguém, por exemplo, a mãe, produz, na presença da criança, um som que se assemelha a uma das sílabas de seu balbúcio. Por exemplo, ela diz *doll* [boneca]. Quando esses sons chegam aos ouvidos da criança, seu hábito entra em jogo e ela produz a sílaba de balbúcio mais próxima, *da*. Dizemos que nesse momento a criança começa a imitar. (...) A visão e o manuseio da boneca e a audição e a produção da palavra *doll* (isto é, *da*) ocorrem repetidas vezes em conjunto, até que a criança forma um hábito. (...) Ela tem agora o uso de uma palavra. (BLOOMFIELD, 1933, p. 29/30)

Noutro lado, existe a crítica de Chomsky ao citado acima, que de forma direta apresenta que a todas as pessoas é atribuído de maneira interna o conhecimento linguístico indispensável para se estabelecer uma comunicação. Com isso, Chomsky dá outro entendimento a aquisição da língua, contrapondo a teoria behaviorista.

Para melhor elucidar o citado, Chomsky apresenta uma análise que estudava o falante inserido em determinada comunidade social:

Segue-se, pois que tanto os mecanismos perceptivos quanto os mecanismos de produção da palavra devem empregar o sistema subjacente de regras gerativas. É por causa da virtual identidade deste sistema subjacente na

pessoa que fala e na que ouve, que pode sedar a comunicação, sendo a participação em um sistema gerativo subjacente, em última instância, à uniformidade da natureza humana. (CHOMSKY, 1976, p. 84)

No tema em questão, o que se discute é o bilinguismo das crianças, mas antes de adentrar ao tema, faz-se necessário apontar alguns argumentos iniciais acerca do que vem a ser a pessoa bilíngue.

Para conceituar o que é “ser bilíngue”, deve ser remetida a definição dada por Bloomfield, no início do século XX, devendo este conceito ser considerado como uma das primeiras definições para o que é “ser bilíngue”.

Sob a ótica popular, o bilíngue é a pessoa instruída e capaz de dialogar com outrem perfeitamente em duas línguas, sendo este entendimento corroborado por Bloomfield que define bilinguismo como “o controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1935 *apud* HARMERS; BLANC, 2000, p. 6).

Na década de 60/70, Macnamara (1966), conceituou a pessoa bilíngue como aquele que tiver uma das habilidades (falar, escrever, ler, ouvir) em língua diferente de sua língua materna. Outros estudiosos sobre o tema, como Mackey (1962), Lambert (1967), Paradis (1978), Grosjean (1982), contribuíram para a evolução do conceito sobre o que é “ser bilíngue”, ao passo que trouxeram novas concepções para o estudo do bilinguismo.

Para Wei (2000), bilíngue é aquela pessoa que utiliza dois idiomas, independentemente de seu nível de proficiência.

Com o estudo de Wei foi possível perceber o avanço nos estudos sobre o bilinguismo, inclusive, na complexidade de se definir e classificar o conceito de bilinguismo.

Wei (2000, p. 5), apresenta uma lista em torno de 40 termos classificadores do sujeito bilíngue, onde encontramos termos como: sequencial, tardio, simultâneo, balanceado, consecutivo, diagonal, dominante, funcional recessivo, produtivo, secundário, natural, horizontal, dentre outros. Essa multivariabilidade de termos classificadores leva para a questão mais relevante do fenômeno do bilinguismo que é defini-lo com exatidão o grau ou proficiência com que cada pessoa usa cada um dos idiomas que fala, se é que é possível, assim definir.

Em uma definição simples e direta o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1988, p. 95), define o bilíngue como: “bilíngue é aquele que se comunica

em duas línguas”. Noutro lado, o dicionário de Linguagem e Linguística (TRASK, 2004, p. 47-8), apresenta uma definição além do informado pelo dicionário Aurélio, afirmando que o bilíngue é aquele que possui a capacidade de falar duas línguas, acrescentando ainda que o indivíduo bilíngue aparenta características pessoais e de uma comunidade linguística que envolve duas ou mais línguas.

Podem também uma pessoa ser bilíngue, mas não dominar totalmente os atributos da língua diversa da materna. Nesse contexto, Barker e Prys, (1998 *apud* LI WEI, 2000) apresentam uma série de questionamentos para elucidar a questão: a primeira seria com relação ao indivíduo entender a segunda língua (L2), mas não saber se expressar de maneira verbal nela. A segunda seria a respeito da escrita da L2 do indivíduo, que pode falar fluentemente, mas não sabe escrever. A terceira é a pergunta, questionando se essas pessoas mencionadas podem ser consideradas bilíngues. Dentre todas as outras realizadas, a última é a que pergunta se o bilinguismo é um termo relativo.

Equivalente ao citado acima, Li Wei (2000), pondera que o termo bilíngue, essencialmente pode ser definido por determinada pessoa que possui duas línguas. Contudo, dentro desse grupo devem-se incluir as pessoas com diferentes graus de instrução nas referidas línguas, podendo chegar a três ou até mais línguas.

Entende-se por criança bilíngue, aquela que domina sua língua materna, assim como outra língua aprendida seja na escola ou pela família, variando de acordo com o contexto na qual a criança está inserida, variando com a cultura e realidade social.

3. Conceito de gerativismo

O gerativismo teve sua gênese no final da década de 50, nos Estados Unidos, a partir dos estudos desenvolvidos pelo linguista Noam Chomsky, considerado “pai” do gerativismo e que ainda nos dias atuais serve de subsídios para muitos estudos linguísticos. Após a análise inicial, cabe salientar que, considera-se como o início da linguística gerativista, a primeira publicação de Chomsky, que ocorreu no ano de 1957, com o título Estruturas Sintáticas. Por meio do seu estudo, Chomsky contrapôs todo o estudo apresentado por Skinner e Bloomfield, dentre outros especialistas no assunto, no qual trabalhavam a concepção empiricista, quando demonstrou seus es-

tudos avigorando a concepção racionalista acerca da linguagem.

Então, pode-se conceituar o gerativismo, como sendo uma formalização dos fatos linguísticos, no qual se é aplicado um método matemático preciso, cristalino e finito às qualidades das línguas naturais. Neste caso, isso irá tornar a compreensão e aprendizagem de outras línguas.

Kenedy (2008, p. 130), afirma que o papel do gerativismo no meio linguístico é de estabelecer um modelo teórico apto de relatar e esclarecer a natureza e o desempenho dessa faculdade, o que significa buscar entender um dos pontos mais importantes da mente do ser humano. O presente estudo foi alicerçado no entendimento de Chomsky, como se vê:

Uma das razões para estudar a linguagem (exatamente a razão gerativista) – e para mim, pessoalmente, a mais premente delas – é a possibilidade instigante de ver a linguagem como um “espelho espírito”, como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem nos revelam os modelos do pensamento e o universo do “senso comum” construídos pela mente humana. Mais instigante ainda, pelo menos paramim, é a possibilidade de descobrir, através do estudo da linguagem, princípios abstratos que governam sua estrutura e uso, princípios que são universais por necessidade biológica e não simples acidente histórico, e que decorrem de características mentais da espécie humana (CHOMSKY, 1980, p. 9).

Com o advento do gerativismo, as línguas desistem de ser interpretadas como uma conduta social preservada e começam a ser exploradas como uma faculdade natural da mente. Diante do exposto, pode-se afirmar que a linguagem passa a residir na mente humana. Com o nascimento, o ser humano adquire princípios linguísticos e por via de consequência uma língua, capaz de estimular e organizar as deficiências verbais. Dessa forma, quando uma criança é apresentada a estímulos linguísticos, esta produz a aquisição da língua de maneira natural e espontânea, com exceção apenas de crianças que apresentam algum tipo de déficit neurológico.

Na Teoria Inatista, o aprendizado da linguagem é independente da cognição e de outras formas de aprendizado. Na teoria formulada por Chomsky em 1965, apresentada por Santos (2006), ele propunha a existência de um dispositivo de aquisição da linguagem (em inglês LAD – *Language Acquisition Device*) inato ao indivíduo, mas ativado a partir de sentenças ouvidas de seu meio (*input*), gerando como resultado a gramática da língua à

qual a criança está exposta. O LAD é formado por um conjunto de regras e a partir do contato com as sentenças de uma determinada língua, a partir desse contato a criança seleciona as regras que funcionam nesta língua em particular e descarta as demais. Essas regras estão presentes na Gramática Universal (GU), inata a toda criança e que compreende as regras de todas as línguas.

Em 1981, Chomsky formulou outra proposta conhecida como Teoria de Princípios e Parâmetros, modificando um pouco o conceito Gramática Universal. Nessa nova concepção, a GU é formada por princípios, ou seja, “leis” invariantes que se aplicam a todas as línguas por parâmetros, “leis” cujos valores variam entre as línguas. Dessa forma é possível explicarmos as diferenças entre línguas e as mudanças presentes em uma mesma língua. A criança deve escolher, a partir do *input*, o valor que cada parâmetro deve tomar (SANTOS, 2006).

Referida teoria defende a ideia de que a criança já nasce pré-programada com princípios (universais) e com um conjunto de parâmetros que devem ser marcados com os dados da língua em que a criança está inserida, no contexto em que vive.

4. A criança bilíngue e a teoria gerativista

Fromkin & Rodman (1993), afirmam que o processo de aquisição de uma língua está longe de ser totalmente compreendido, pois ainda se conhecem apenas alguns aspectos da constituição neurológica e biológica do ser humano que explicam a capacidade da criança em adquirir a linguagem.

Existem muitas correntes teóricas que estudam a aquisição da linguagem pela criança, tais correntes discutem se a aquisição da linguagem advém de fatores naturais ou do ambiente, ou se ainda advém da soma desses dois fatores.

Segundo Skinner (1953), a imitação tem uma função fundamental para o aprendizado da linguagem para a criança, pois a imitação segue um raciocínio lógico. A criança observa tudo ao seu redor e imita o que seus pais e parentes pronunciam ao seu redor, com o passar do tempo a criança aprende a combinar as palavras, mesmo que no início ela não consiga pronunciar da forma correta com o passar do tempo por meio da repetição, estará desenvolvendo esta habilidade. Skinner (1953, p. 19) afirma que a ciência

passa a ser válida quando o indivíduo passa a ter leis referentes ao seu comportamento, que considera não apenas o comportamento coletivo, porém não parece válida para compreender com um todo.

A teoria chomskiana conduz ao universalismo, segundo Orlandi, pois o que está em questão é o falante, e não os espectadores que usam a linguagem. A linguagem desenvolve no ser humano como algo natural, pois é inato no ser humano.

Percebe-se que a criança bilíngue e o gerativismo, andam lado a lado, ou seja, um completa o outro, não ocorrendo um conflito entre as teorias, mais sim uma relação sadia e completa para que se possa estabelecer uma relação agradável, e conseqüentemente alcançando um denominador comum.

Pode-se então afirmar que a criança bilíngue e a teoria gerativista estão interligadas, pois ambas se referem à linguagem, o bilinguismo com a aquisição de duas línguas e a teoria gerativista com a linguagem em si.

A criança bilíngue aprende a falar parte de duas línguas, pois fazendo uma análise mais profunda, perceberemos que nem os monolíngues conseguem falar perfeitamente toda a sua língua materna. Assim, o bilinguismo consiste na capacidade do indivíduo de se comunicar em duas línguas produzindo sentenças completas e significativas, sendo assim compreendidas pelos falantes daquela língua.

5. *A influência interna da língua materna exercida sob a criança*

A linguagem é uma forma de integração social e de aceitação (ICHIKAWA, 2003, p. 44). De acordo com Antunes (2007), a língua compreende os seguintes comandos as pessoas, seres atuantes e sujeitos ativos.

Para o desenvolvimento e construção da linguagem são necessárias as condições biológicas do ser humano inata em cada pessoa, como também o meio em que o mesmo se encontra inserido, como por exemplo, classe social (ACOSTA, 2003, p. 279-80).

O ambiente em que o indivíduo está inserido, é de suma valia para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, pois nele a criança se desenvolve de forma contínua e retilínea, em um ambiente favorável para a aprendizagem a linguagem acaba se desenvolvendo de forma significativa e

prazerosa respeitando as limitações de cada um (MARCHÃO, 1999).

A criança recebe uma forte influência do meio ao qual está inserida, e irá desenvolver a linguagem a qual está sendo exposta pelos pais, seja a de sinais, português, inglês entre outros. Com o passar dos anos esta criança estará dominando a coerência e coesão da língua o que influenciará esta criança por toda a sua vida.

O bilíngue consegue desenvolver a capacidade de comunicar-se em duas línguas devido ao estímulo que recebe no meio em que está inserido.

6. Considerações finais

A partir dos dados bibliográficos utilizados pode se concluir que a criança bilíngue precisa ser estimulada e inserida no meio para que o seu desenvolvimento se torne completo. Pode-se observar que as crianças possuem capacidade de adquirir a segunda língua com facilidade principalmente quando estão sendo expostas a essa realidade desde pequenas.

Portanto, a teoria gerativista e a criança bilíngue andam lado a lado, uma completa a outra para que juntas possam alcançar o objetivo desejado. A teoria gerativista é fundamentada no inatismo e no racionalismo, onde se afirmam que a criança nasce provida com a capacidade de aquisição da linguagem.

Para Chomsky, durante o processo de aprendizagem da língua-gem, a criança optará apenas por aquelas que usará no contexto da língua em que ela está enquadrada e automaticamente eliminará as outras.

Pode-se concluir que, o trabalho é de grande valia para a reflexão da criança bilíngue e os vértices envolvidos no trabalho, uma vez que em um mundo globalizado cada vez mais se cobra das pessoas, principalmente das crianças pela facilidade que estas têm de aprendizagem, do bilinguismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acosta VM, Moreno A, Ramos V, Quintana A, Espino O. *Avaliação da linguagem: teoria e prática do processo de avaliação infantil do comportamento linguístico infantil*. São Paulo: Santos, 2003.

ANTUNES, I. *O que são regras de gramática?* Muito além da gramática.

São Paulo: Parábola, 2007.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York/Chicago/San Francisco/Toronto: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

CHOMSKY, Avram Noam. *Reflexões sobre a linguagem*. Cultrix, São Paulo, 1980.

_____. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad. de Lúcia Lobato. Brasília: UneB, 1998.

_____. *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1976.

DICIO. *Dicionário Online de Português*. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/bilingue>>. Acesso em 22 jun. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert. *Introdução à linguagem*. Coimbra: Almedina, 1993.

GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

HARMERS, J. e BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: CUP, 2000.

ICHIKAWA, C. S. *Varição Linguística e o ensino de ortografia: Uma variação teórica*. Unopar Cient., Ciênt. Hum. Educ., Londrina, v. 4, n. 1, p. 43-6, jun. 2003.

KENEDY, Eduardo. *Gerativismo*. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In: *Manual de Linguística*. vol. 1. São Paulo. Contexto, 2008.

LAMBERT, Wallace E. A social psychology of bilingualism. In: *Journal of Social Issues*, 23(2), p. 91-109, 1967.

MARCHÃO AJ. (O ensino) Aprendizagem da língua materna na educação de infância: a vivência curricular na creche. In: *Revista Aprender*. 1999.

MACKEY, William F. (1962). The description of bilingualism. *Canadian Journal of Linguistics* 7, p. 51-85, 1962. In: Li Wei. *The Bilingualism Reader*, Routledge, 2000.

MACNAMARA John. *Bilingualism and primary education: a study of*

Irish experience. Edinburgh, Scotland: Edinburgh University Press; 1966.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é Linguística*. São Paulo: Ática. (Série Princípios)

PARADIS, Michel (Ed.). *Aspects of bilingualism, Columbia, SC.*: Hornbeam Press, 1978.

SANTOS, Raquel. A aquisição da linguagem. In FIORIN, José Luiz. *Introdução a linguística*. São Paulo: Contexto. 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SKINNER. B. F. *Questões na análise comportamental*. Campinas: Papyrus, 1953.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

WEI, Li, Dimensions of bilingualism. In: Li Wei. *The Bilingualism Reader*. London; New York: Routledge, 2000.

WEI, Li (Ed.). *The bilingualism reader*. London; New York: Routledge, 2000.